

Advertência oportuna

03 JUN 2000

CORREIO BRAZILIENSE

Josaphat Marinho

Noticiário recente revela o crescimento da tuberculose, no mundo, em sua "forma resistente", de maior perigo e de tratamento mais caro. Embora sem criar pânico, a informação esclarece que estudo realizado em diversos países indicou a presença de 6.402 casos da moléstia dessa natureza, com um percentual de 5,5 que "não respondem às chamadas drogas de primeira linha" (CB, 18/5). Acrescenta a notícia que a Organização Mundial de Saúde está empenhada em expandir um tratamento mais acessível à generalidade das pessoas, inclusive no Brasil, porque o cálculo de tuberculosos no mundo é de cerca de 16 milhões de atingidos. Conquanto esse volume não seja daquele tipo grave da doença, mostra como a evolução pode ser assustadora, se os governos e a sociedade não atentarem seriamente no problema.

O risco é tanto mais visível diante da pobreza existente em várias regiões do universo, alcançando massas de população,

como no continente africano. A subalimentação gerando a desnutrição e esta propiciando a penetração do mal, que assim encontrará o caminho fácil para sua expansão. Os relatórios oficiais dos órgãos das Nações Unidas repetidamente têm mostrado como subsistem, se não aumentam, as desigualdades sociais e econômicas. Desde que o processo de globalização não concorreu para reduzi-las, ao contrário as sustentou, urge a prática de novo espírito, menos especulativo e mais humano. Bem que a instabilidade no mercado de capitais, determinante de insegurança e de susto, frequentemente, na extensão do globo, poderia ser substituída por menos exploração e mais cooperação geral. Se o fenômeno financeiro é de difícil contenção, são os homens, afinal, que o impulsionam e dele tiram proveitos.

Países em desenvolvimento, como agora mesmo a Argentina e o Brasil, são compelidos a medidas drásticas, que atingem as

condições de vida da população. Quando o governo corta verbas orçamentárias, inclusive nos ministérios de ação social, limita e restringe, igualmente, os meios de acudir os setores mais necessitados da população. O efeito é ainda mais danoso porque não há planos de ação de longo prazo, e as providências redutoras de recursos ferem serviços essenciais, sem correta diferenciação. Os equívocos da política neoliberal, enfraquecendo o poder do Estado, não permitem justa distribuição de verbas, segundo prioridades racionalmente estabelecidas. Daí hospitais e centros de saúde, por exemplo, não podem atender, devidamente, os segmentos mais carentes dos grupos sociais.

Na Bahia, houve um momento em que o governador Otávio Mangabeira dedicou à questão da tuberculose especial cuidado. Despachava semanalmente no Hospital Santa Terezinha, cujas instalações inspecionava sempre, para demonstrar o res-

peito pessoal pela sorte dos tuberculosos. E o ajudou o tisiólogo e professor José Silveira, ainda hoje, na velhice indomada, devotado ao combate à doença, que voltou a crescer no estado. Trata-se, porém, de mal, como apontam os especialistas, que requer luta constante, para não haver renovação de seus tentáculos.

No instante em que a moléstia ameaça, em seu tipo de intensa periculosidade, diferentes povos, cabe despertar as consciências. Se os instrumentos de comunicação revelam formas de surpreendente rapidez, é hora de usá-los em benefício da sociedade. Advertir e aconselhar, sem exagero, significa prevenir e diminuir a doença. Essa cooperação será mais eficaz na medida em que os governos, conscientes de suas funções maiores, fizerem da reação ao mal um bem para o corpo social.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia, e diretor da Faculdade de Direito da Upis